

Portuguese A: language and literature – Higher level – Paper 1
Portugais A : langue et littérature – Niveau supérieur – Épreuve 1
Portugués A: lengua y literatura – Nivel superior – Prueba 1

Wednesday 4 May 2016 (afternoon)

Mercredi 4 mai 2016 (après-midi)

Miércoles 4 de mayo de 2016 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

Instructions to candidates

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Question 1 consists of two texts for comparative analysis.
- Question 2 consists of two texts for comparative analysis.
- Choose either question 1 or question 2. Write one comparative textual analysis.
- The maximum mark for this examination paper is **[20 marks]**.

Instructions destinées aux candidats

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La question 1 comporte deux textes pour l'analyse comparative.
- La question 2 comporte deux textes pour l'analyse comparative.
- Choisissez soit la question 1, soit la question 2. Rédigez une analyse comparative de textes.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est de **[20 points]**.

Instrucciones para los alumnos

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la pregunta 1 hay dos textos para el análisis comparativo.
- En la pregunta 2 hay dos textos para el análisis comparativo.
- Elija la pregunta 1 o la pregunta 2. Escriba un análisis comparativo de los textos.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es **[20 puntos]**.

Escolha a questão 1 ou a questão 2.

1. Analise, compare e contraste os dois textos a seguir. Inclua comentários sobre as semelhanças e diferenças entre os textos e a importância do contexto, público-alvo, objetivo e artifícios formais e estilísticos apresentados.

Texto A



↑ PESSOAS COMPORTAMENTO MULTIMÉDIA ESCOLHAS NM OPINIAOÃ

Home / Opinião / Catarina Carvalho / Na era dos drones, o que...



CATARINA CARVALHO

NA ERA DOS DRONES, O QUE FAREMOS COM A NOSSA PRIVACIDADE?



E se o *Big Brother* não fosse assim tão *big* mas fosse, afinal, muito pequeno? E se o maior ataque à nossa privacidade não fosse, afinal, os média, onde todos os dias postamos, voluntariamente, os nossos sentimentos mais íntimos, as nossas fotografias mais lá de casa e tudo o que nos define, mas fosse, afinal, alguém que faz isso tudo sem o nosso consentimento e da forma mais simples? E se a moda do confessionário – de nos abrimos e ao que sentimos de mais profundo e o expormos ao mundo – passasse a depender não da nossa vontade mas da de alguém que, por nós, decidia revelar todos os factos da nossa vida do dia-a-dia? E se fosse possível seguir-nos para todo o lado sem nós sequer repararmos?

Nada disto é ficção científica. Pode ser bem real – não aquele real que atiramos para trás das costas com um encolher de ombros, mas real de agora e já. Tudo por causa de uma invenção tecnológica que tornou mais pequenos os aviões e mais móveis as câmaras de filmar e de fotografar. Tudo por causa, claro, da revolução digital, que tornou o som e a imagem, parada e em movimento, imaterial e, portanto, tão leve e transmissível quanto um *bite*.

E não, não estou a falar dos drones militares de milhares de euros que «não vemos» nas guerras modernas mas vemos em algumas séries da TV. Quem se impressiona a ver como é que a chefe de uma organização secreta consegue não saindo da sua anódina¹ sala de comando, cheia de computadores e ecrãs, seguir um rapazinho nas suas deambulações, ou como consegue, ao telemóvel, ser o guia virtual do camarada encurralado no terreno da guerra civil, percebe minimamente do que estou a falar. Tudo isso pode acontecer não em cenário de guerra, ou seja, contra os maus da fita, mas com todos e cada um de nós, seres que nos consideramos relativamente inofensivos.

- Um drone é um aviãozinho** muito móvel que comandado à distância pode chegar onde quiser e «ver» qualquer coisa. E, como na maior parte das tecnologias, o seu uso marcará a benevolência ou o malefício que fará às nossas vidas. Porque uma coisa é certa: vai mudá-las.
- 25 De certeza. Na edição de hoje damos conta do «estado da arte»². E esse é o de se poder, hoje, comprar um drone por menos de cem euros. É verdade que também os há por muitos milhares – os que hão de vigiar as nossas florestas para que não as atinja o fogo, os que hão de rondar as fronteiras para que não passem por elas os que não desejamos. E até os há feitos em Portugal.
- 30 **Vivemos numa era, talvez como nunca**, em que os limites são desafiados, postos à prova – mostramos cada vez mais, protegemos cada vez menos. O que é um segredo quando toda a gente sabe que ele pode ser facilmente *crackado* pelo mais maçarico³ dos *hackers*? A partir do momento em que a tecnologia se tornou pessoal e nós, seres mutantes, a usamos como extensão de nós próprios – que mais não seja os nossos olhos, ouvidos – a fronteira
- 35 entre o que é só nosso e o que é de todos tornou-se, na melhor das hipóteses, ténue, porosa, na pior, violada. E mudámos. Tornámo-nos ciborgues sem nos apercebermos bem disso. A fronteira, essa tem vindo a estreitar a esfera privada – do que resta, já hoje, muito pouco. O que mostramos é mais do que o que mantemos privado. E os média são a prova disso. Mas...e quando esse for o menor dos nossos males? Pode ser para aí que nos
- 40 encaminhamos.

Catarina Carvalho, *Notícias Magazine* (2014) (adaptado)

¹ anódina: inofensiva; sem importância

² «estado da arte»: o nível mais avançado de conhecimento em determinada área num dado momento

³ maçarico: pessoa inexperiente; novato

Texto B



Imagem publicada no blogue "Perigos e vantagens dos media" (2011)

Blank page
Page vierge
Página en blanco

Turn over / Tournez la page / Véase al dorso

2. Analise, compare e contraste os dois textos a seguir. Inclua comentários sobre as semelhanças e diferenças entre os textos e a importância do contexto, público-alvo, objetivo e artifícios formais e estilísticos apresentados.

Texto C



Talitha Moya / segunda, 15 de dezembro de 2014 - 07h00

Línguas indígenas estão em processo de extinção, revela professor

Professor revela que perda de idiomas representa a destruição de tradições e da história



- 5 Com a segunda maior população de índios do Brasil, o Mato Grosso do Sul corre o risco de presenciar a total extinção dos idiomas de origem indígena. Um pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul aponta que das oito comunidades indígenas existentes no Estado, três já não falam mais a língua mãe.

- 10 O professor e pesquisador Rogério Ferreira, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, explica que a inserção dos povos indígenas na sociedade, com o objetivo de sobrevivência, fez com que eles deixassem de falar a língua mãe. “Houve uma força muito grande da língua portuguesa sobre eles”, ressalta.

No levantamento feito por Rogério, os povos Atikum, Tikão e Kamba não apresentam mais falantes. Já os grupos Kinikinau, Ofaié e Guató estão em risco de extinção linguística. Segundo o professor, não existe mais a manutenção linguística pelos índios dessas aldeias que abandonaram a língua mãe. “Com o tempo, a língua portuguesa se tornou dominante e a língua Guató deixou de ser falada pelos mais novos, do pai e da mãe para filho, do avô para o filho”, afirma o professor.

No grupo Ofaié, conta o pesquisador, o idioma está praticamente extinto e a língua de origem é falada por apenas cinco integrantes. “A língua mãe está somente nos mais velhos e nem entre eles é falada mais. E quando os falantes não passam para as próximas gerações, a língua é considerada extinta”, afirma.

Nesses casos, Rogério salienta que a língua está em extinção, porém os povos continuam preservando suas culturas e hábitos. “Eles continuam sendo Ofaié e Guató, mas sem falar a língua deles”, exemplifica. Porém, o professor explica que a perda linguística também afeta em parte a perda da cultura e, às vezes, de tradições culturais. “O maior prejuízo é a perda imaterial que é a língua. Junto, você perde mitos, as histórias que são a tradição oral desses povos que se reúnem em rodas, tomam a bebida tradicional e isso perduraria por gerações. Hoje, muitos deles já se esqueceram de suas histórias”, relata.

Entre os Terena, apesar da predominância da língua portuguesa, existe o bilinguismo, ou seja, a língua mãe continua viva em grande parte do grupo. Os Kadiwéu são os que mais preservam sua língua materna, ocorrendo entre eles ainda indivíduos que praticamente só falam a língua Kadiwéu.

Os grupos Guarani-Kaiowá e Guarani-Nhandeva são os únicos que não sofrem ameaça de terem suas línguas extintas. “Por possuírem uma densidade demográfica bastante grande no Estado, todos mantêm sua língua materna apesar do grande impacto que tiveram durante anos de contato e apesar das aldeias urbanas, suas tradições são bem preservadas”, menciona o professor.

Responsável por desenvolver o projeto “Manutenção Linguística da Língua Ofaié: um resgate da memória lexical”, Rogério afirma que a recuperação das línguas em extinção é muito complexa. Na tentativa de resgatar a linguística das aldeias, o professor tem feito um trabalho de ‘dicionarização’ que prevê a criação de material didático para ensinar as novas gerações de comunidades indígenas a língua esquecida. “Esse é o maior desafio não só no Mato Grosso do Sul, mas em todo território brasileiro, pois não há nada feito para o ensino de segunda língua para os povos indígenas”, ressalta.

Por fim, o pesquisador lembra que o fator mais importante nesse processo de resgate é trabalhar com a auto-estima destes povos, buscando o desejo de reviver a língua materna. “A atitude linguística do povo é a mais importante para qualquer projeto de revitalização”, completa.

Texto D

Esta Língua Portuguesa

A língua que falas e escreves
é uma árvore de sons
que tem nos ramos as letras,
nas folhas os acentos
5 e nos frutos o sentido
de cada coisa que dizes. [...]

Esta é a árvore de tudo
o que se diz em português
por não precisar de ser dito
10 em alemão ou em inglês,
pois temos orgulho bastante
para fazermos da nossa língua,
que já foi peregrina e navegante,
a pedra mais preciosa,
15 seja em verso seja em prosa.

E o orgulho que temos
nesta língua portuguesa,
irá do berço para a escola
e da escola para a rua,
20 pondo em cada palavra
uma pepita de ouro
e uma centelha de lua,
pois afinal esta língua
será sempre minha e tua.

José Jorge Letria, *Esta Língua Portuguesa*, Ambar (2007) (com supressões)
